

CONTINGÊNCIAS NA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: REFORÇOS E PUNIÇÕES

Daniel Pedro da SILVA¹
Marina Galafassi HOSTINS²
Gustavo Luiz Brum BAMPI³
Yana LINHARES⁴

RESUMO

O estudo, a seguir, investigou como a masculinidade hegemônica é moldada e perpetuada na nossa sociedade por contingências que formam os repertórios comportamentais dos homens, associando a masculinidade com características como a força, a autossuficiência e a repressão emocional. O problema em questão nesta pesquisa parte do pressuposto de que esses repertórios, embora sejam culturalmente valorizados, apresentam graves consequências para a saúde física e mental, para as relações sociais e o bem estar dos grupos em geral. O objetivo geral proposto consiste em analisar, a partir da ótica da Análise do Comportamento, como essas práticas culturais reforçam e punem os comportamentos dos homens e quais os efeitos gerados. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, aplicada aos homens matriculados em um Curso de Graduação em Psicologia de um Centro Universitário localizado no Oeste do Paraná. As entrevistas foram devidamente gravadas, transcritas e analisadas com base na Análise Funcional do Comportamento, com especial atenção aos fenômenos culturais implicados na manutenção de práticas associadas à masculinidade hegemônica. Os resultados obtidos indicam que a masculinidade hegemônica está associada à maior incidência de violência, resistência na busca por cuidados em saúde, dificuldades emocionais e relações afetivas conturbadas. Conclui-se, portanto, que a busca por métodos capazes de quebrar tal padrão de masculinidade se faz necessária, mudando assim esse repertório comportamental moldado de geração em geração.

Palavras-chave: Análise do Comportamento. Psicologia. Saúde. Masculinidade Hegemônica.

¹Acadêmico Daniel Pedro da Silva do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. dpsilva8@minha.fag.edu.br

²Acadêmica Marina Galafassi Hostins do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. mghostins@minha.fag.edu.br

³Acadêmico Gustavo Luiz Brum Bampi do 4º período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. glbbampi@minha.fag.edu.br

⁴Psicóloga Yana Linhares Mestre em Análise do Comportamento (PPGAC-UEL); Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG). E-mail: yanalinhares@fag.edu.br

CONTINGENCIES IN THE CONSTRUCTION OF HEGEMONIC MASCULINITY: REINFORCEMENTS AND PUNISHMENTS

ABSTRACT

This study has investigated how hegemonic masculinity is shaped and perpetuated in our society by contingencies that form men's behavioral repertoires, associating masculinity with traits such as strength, self-sufficiency, and emotional repression. The research problem stems from the assumption that these repertoires, although culturally valued, present serious consequences for physical and mental health, social relationships, and overall well-being. The general objective is to analyze, from the perspective of Behavior Analysis, how these cultural practices reinforce and punish men's behaviors and what effects are generated. To this end, qualitative research was conducted, using a semi-structured interview as the data collection instrument, applied to male students enrolled in a Psychology Undergraduate Program at a University Center located in Western Paraná. The interviews were properly recorded, transcribed, and analyzed based on the Functional Behavior Analysis, with special attention to the cultural phenomena involved in maintaining practices associated with hegemonic masculinity. The results obtained indicate that hegemonic masculinity is associated with a higher incidence of violence, resistance to seeking health care, emotional difficulties, and troubled affective relationships. Finally, the search for methods capable of breaking this pattern of masculinity is necessary, in order to transform this behavioral repertoire that has been shaped across generations.

Key words: Behavior Analysis. Psychology. Health. Hegemonic Masculinity.

¹Acadêmico Daniel Pedro da Silva do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. dpsilva8@minha.fag.edu.br

²Acadêmica Marina Galafassi Hostins do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. mghostins@minha.fag.edu.br

³Acadêmico Gustavo Luiz Brum Bampi do 4º período do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. glbbampi@minha.fag.edu.br

Psicóloga Yana Linhares Mestre em Análise do Comportamento (PPGAC-UEL); Professora do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz (FAG). E-mail: yanalinhares@fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

“Ninguém nasce homem: torna-se homem”. A partir dessa frase, adaptada da filósofa Simone de Beauvoir (1997), pode-se inferir que a masculinidade não é um fator natural ou biológico; outrossim, uma construção moldada por influências culturais, as quais impõe, de acordo com o contexto social em que o indivíduo está inserido, como os homens devem se comportar, sentir ou se expressar para que sejam considerados realmente homens. Nesse caso, temos a masculinidade hegemônica, modelo que não se estabelece de forma rígida, pois sofre alterações em sua forma decorrente da estrutura social. A masculinidade hegemônica se diferencia da masculinidade tóxica ao passo que ela define os papéis esperados para cada gênero, enquanto a masculinidade tóxica é definida pelas características negativas que expressam a dominação de gênero (BARBOSA e KIBUUKA, 2024).

A masculinidade hegemônica surge como um modelo de masculinidade pautada na soberania masculina construída a partir de ideias como: o controle das emoções, a atenuação dos sentimentos, e a liberdade dos homens para realizarem seus desejos. Socialmente, os homens assumem uma postura de autossuficiência e dominação, no entanto, aqueles que não alcançam o ideal de masculinidade são taxados com ideias pejorativas por meio de expressões, tais como: *homens não demonstram sentimentos*, *homens chorão* ou *isso não é coisa de homem*, entre outras afirmações (SILVA, 2019). Assim, a masculinidade hegemônica é comumente reforçada, sendo associada a noções de força, racionalidade, dominação, repressão emocional e estimulando comportamentos agressivos (SOUZA *et al.*, 2023).

Porém, um fator importante que deve ser levado em consideração é o fato dessas características serem comumente associadas a questões como o feminicídio e o suicídio entre os homens. Segundo os dados mais recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2023, um total 1.463 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil, apresentando um crescimento de 1,65% quando comparado ao ano anterior (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023).

O suicídio também se mostra como outra ocorrência preocupante, apresentando diversas variáveis determinantes, a exemplo do histórico familiar, acesso a meios de letalidade e condições de saúde mental. Todavia, em uma cultura na qual é reforçada a repreensão de sentimentos de medo e tristeza, observa-se por meio de dados divulgados

pelo Ministério da Saúde, que no ano de 2021 ocorreram no país 15.507 casos de pessoas que tiraram a própria vida, sendo que 77,8% foram pessoas do sexo masculino, informações que precisam ganhar a devida atenção (BRASIL, 2024).

Tal modelo de masculinidade, amplamente introduzido e influenciado desde a infância, tem produzido resultados comportamentais significativos tanto para os homens quanto para os grupos que viriam pertencer ao longo da vida. Esses comportamentos, já citados, que valorizam a virilidade, agressividade e autossuficiência, são frequentemente pregados pela sociedade, enquanto condutas que demonstram certa vulnerabilidade emocional ou fogem da expectativa tradicional, são geralmente ridicularizadas (FAGUNDES, 2023). Assim, repertórios comportamentais baseados em práticas prejudiciais vem se perpetuando e impactando diretamente no bem estar social.

A Análise do Comportamento (AC), abordagem da psicologia desenvolvida por B. F. Skinner, oferece um importante referencial para compreensão da forma como esses padrões de comportamentos são adquiridos e mantidos. Para a AC, o comportamento é resultado da interação entre eventos ambientais e as respostas do indivíduo, ou seja, a ação, produto dessa relação, que pode ser fortalecida ou enfraquecida conforme suas consequências. Quando a probabilidade de um comportamento ocorrer novamente é aumentada em decorrência de sua consequência, chamamos de reforçadora, que pode ser positiva (com a adição de um estímulo reforçador) ou negativa (com a remoção de um estímulo aversivo). Por outro lado, quando a probabilidade de ocorrência é reduzida por interferência do mesmo fator, falamos em punição, que também pode ser positiva (adição de um estímulo aversivo) ou negativa (remoção de um estímulo reforçador). Outro processo relevante é a extinção, em que um comportamento deixa de ser emitido porque não é mais seguido pela consequência reforçadora que antes o mantinha (MOREIRA e MEDEIROS, 2019).

Skinner (1953/1965) propõe a noção de que o comportamento humano é moldado por três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural. No nível filogenético, características e comportamentos são selecionados pela evolução da espécie. Já no nível ontogenético, que se refere à história de vida do indivíduo, comportamentos são modelados pelo contato direto com contingências de reforço e punição. Por fim, no nível cultural, comportamentos que produzem consequências relevantes para o grupo social são selecionados e transmitidos ao longo das gerações. Partindo dessas noções, pode-se inferir que a masculinidade hegemônica se desenvolve tanto no segundo nível, por meio do reforço de respostas específicas que se alinham às

expectativas sociais desde a infância, quanto no terceiro nível, pela manutenção de práticas culturais que valorizam tais comportamentos.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo investigar como os homens percebem as contingências reforçadoras e punitivas que envolvem os comportamentos da masculinidade hegemônica. A partir desse pressuposto, busca-se compreender como as práticas culturais mencionadas afetam o desenvolvimento de repertórios emocionais e sociais masculinos, contribuindo para a manutenção de padrões prejudiciais, destacando, dessa forma, a necessidade de práticas mais saudáveis e reflexivas de se expressar a masculinidade.

O estudo se mostra relevante, pois tenta identificar a percepção de um grupo específico de homens sobre os reforços e punições que moldam seus comportamentos em direção a esse ideal de masculinidade. Por conseguinte, essa pesquisa tem o potencial de auxiliar em demandas ligadas ao assunto, visto que esses comportamentos são comumente associados a taxas de suicídio entre homens e feminicídio, questões graves presentes em nossa sociedade.

2 MÉTODOS

O presente estudo foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) N° 90384325.5.0000.5219. Trata-se de uma pesquisa básica, que visa expandir o conhecimento sobre o tema abordado. Quanto aos objetivos, caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, pois busca conhecer e interpretar a realidade sem interferir nela e por consequência descrever os fatos. No tocante à abordagem, a pesquisa é definida como qualitativa, que tem como estratégia a interação social ou interpessoal baseada nos dados coletados, sendo assim o pesquisador se propõe a participar, compreender e interpretar as informações (CAMPOS, 2004).

Este estudo foi conduzido com homens matriculados no curso de graduação de Psicologia de um Centro Universitário localizado na região Oeste do Paraná. Não houve restrições quanto à raça, etnia ou orientação sexual. Dessa forma, os critérios de inclusão definidos foram: autodeclaração como homem (cisgênero ou transgênero) e matrícula ativa no referido Centro Universitário. Como critérios de exclusão, foi estabelecido para homens com idade inferior a 18 anos.

O processo de recrutamento ocorreu inicialmente na sala de aula dos participantes, mediante autorização prévia do reitor do Centro Acadêmico. Os pesquisadores fizeram a apresentação do objetivo do estudo e um resumo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os alunos interessados em participar forneceram voluntariamente o número de *WhatsApp* aos pesquisadores, com apoio dos representantes de classe. Caso houvesse mais pessoas interessadas do que a amostra pretendida, que seria composta por 8 participantes, um sorteio de forma aleatória no site <https://sorteio.com> seria realizado, no qual todos os interessados teriam a mesma probabilidade de ser aceito e integrar a pesquisa. Os participantes selecionados foram contatados entre os meses de setembro e outubro de 2025.

No dia agendado para a coleta, o TCLE foi entregue e explicado aos participantes, no qual constam as garantias éticas do estudo, tais como sigilo, anonimato, possibilidade de desistência a qualquer momento e utilização exclusiva dos dados para fins acadêmicos. As entrevistas foram realizadas individualmente em uma sala reservada no Centro Universitário, assegurando a privacidade dos participantes. O procedimento consistiu em uma entrevista semiestruturada, baseada em um roteiro de dez perguntas previamente elaborado (GIL, 2008). As questões abordaram a relação dos participantes com a masculinidade, sua forma de criação, bem como situações de reforçamento ou punição associadas a comportamentos socialmente atribuídos ao *ser homem* (ex.: agressividade, virilidade, força, papel de provedor).

As entrevistas foram gravadas, com a autorização dos participantes, apenas para garantir a fidedignidade da transcrição. Após a transcrição integral, os áudios foram imediatamente apagados. Os dados coletados foram armazenados em um local seguro e serão arquivados por no mínimo cinco anos. Nenhum dado que identifique ou exponha os participantes será divulgado, sendo assegurada total confidencialidade.

Esses dados foram coletados e analisados com base na Análise Funcional do comportamento. Esse método de análise foi escolhido com base na compreensão de que o comportamento é selecionado pela sua consequência, tendo, dessa forma, uma função. Nesse sentido, por meio da Análise Funcional, é possível identificar as condições antecedentes (estímulo), à ação do indivíduo (resposta) e as consequências que atuam na manutenção desse comportamento, entendendo as variáveis que influenciam a sua ocorrência (MATOS, 1999).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para essa pesquisa, foram entrevistados oito indivíduos do gênero masculino. Como houve mais de oito pessoas interessadas, foi realizado o sorteio e chamados os oito primeiros nomes da lista, convidando o próximo da fila em caso de desistência. A duração de cada entrevista foi aproximadamente de cinquenta minutos para cada participante, sendo composta por nove perguntas que abordam o tema masculinidade hegemônica, procurando investigar a percepção desses homens sobre o referido tópico. As perguntas tinham como foco identificar os comportamentos específicos da masculinidade hegemônica, investigar se os homens, durante a infância, adolescência e vida adulta, já perceberam seus comportamentos consistentes com a masculinidade hegemônica sendo reforçados e os inconsistentes sendo punidos ou colocados em extinção, e relacionar os impactos dessas contingências reforçadoras na perpetuação da masculinidade hegemônica na cultura.

Optou-se por não incluir o relato completo dos participantes, porém, serão descritos alguns trechos para exemplificar as categorias propostas. Os participantes serão descritos como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8, utilizando a abreviação do termo *participante*, de modo a preservar a identidade dos entrevistados.

Os dados foram organizados em categorias temáticas de acordo com os relatos trazidos pelos participantes. Essas categorias foram: I) a definição dos comportamentos da masculinidade hegemônica; II) a influência da masculinidade hegemônica na vida do homem; III) o papel das consequências no comportamento dos homens e IV) os efeitos da perpetuação da masculinidade hegemônica na sociedade.

3.1 A DEFINIÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Não existe um único modelo de masculinidade, pois o mesmo depende do entendimento social e cultural. Essa visão é baseada na ideia de que tanto a feminilidade quanto a masculinidade são aprendidas, e que as pessoas não nascem com essas características determinadas para cada gênero herdado (FAGUNDES, 2023). Ao tratar da masculinidade hegemônica, temos uma construção social que é apresentada em uma forma hierárquica, caracterizando dominantes e dominados dentro da sociedade, na qual homens exercem essa figura de poder em vários contextos, especialmente sobre

mulheres (SOUZA *et al.*, 2023). A masculinidade se caracteriza por papéis, atributos e comportamentos associados a *ser menino* e *ser homem*, numa determinada época em determinada sociedade.

Assim como destacam Connell e Messerschmidt (2013), entende-se o termo *masculinidade hegemônica* como práticas e padrões de comportamentos que possibilitam a dominação do homem sobre a mulher. Esse padrão foi consolidado durante a história, valorizando comportamentos agressivos, ou impondo a própria vontade acima de mulheres e até de outros homens. Esse fator contribui para que o termo virilidade seja associado à violência, e, por consequência, uma característica desejada pela maioria dos homens que buscam ser socialmente reconhecidos. Dessa forma, os homens dentro de uma construção social passam a ser reforçados a agir de maneira agressiva desde a infância (FAGUNDES, 2023).

Esse modelo é caracterizado pela relação de submissão da mulher ao homem, a valorização da virilidade e força física, pela necessidade de que o homem seja o provedor, tendo como efeito a repressão de sentimentos como o medo, distanciando-se de qualquer atributo vinculado a características femininas. Em muitos contextos sociais, homens são desencorajados a demonstrar ou expressar seus sentimentos, sendo frequentemente tachados como alvos de chacota entre seus grupos sociais quando o fazem (SOUZA *et al.*, 2023).

Existem diversas perspectivas sobre o que é ser homem, sendo um tema estudado pela psicologia desde a década de 1960 com a *psicologia dos homens e da masculinidade*. Nesse campo de estudo foram propostos 3 paradigmas principais acerca do tema. O primeiro diz respeito ao paradigma biológico e evolucionista, que influenciam os comportamentos de ambos os sexos. O segundo refere-se ao paradigma da identidade de gênero, o qual caracteriza essa identidade como um processo natural do desenvolvimento. Por fim, o terceiro paradigma aborda a tensão do papel de gênero, correspondendo à construção cultural da masculinidade e a tensão gerada nos homens para agir de acordo com os papéis estabelecidos (COCHRAN, 2010).

No *corpus* levantado, composto pelas entrevistas realizadas, a percepção dos homens entrevistados foi semelhante aos paradigmas citados anteriormente. Por exemplo, o entrevistado P1 relata:

Dá para considerar características biológicas que fazem ser um homem, mas também relativo, que a biologia não deixa nada muito determinado sobre o

que é ser um homem e o que é ser uma mulher, mas também tem características sociais que dependem de cultura para cultura.

Da mesma forma, P2 trouxe uma visão semelhante para a entrevista: *“dá para a gente encarar isso de várias formas, tanto biológica quanto social”*. Por outro lado, os participantes P6 e P7 trazem uma perspectiva valorizando mais o lado social do que o biológico. No tocante às características que fazem uma pessoa ser um homem, em sua visão, P6 relata: *“Eu acho que é como a pessoa se acha pra mim, como ela se mostra pra mim. Então, se ela diz pra mim que ela é um homem, então ela é um homem”*. Individualmente, ainda para o entrevistado P6, ser homem se caracteriza da seguinte forma: *“Acho que a maneira como eu me porto e como eu peço pras pessoas me tratarem. Então, eu peço que me tratem como um homem e eu me porto como um homem dentro dos limites do que a sociedade prega como um homem”*.

Com essas duas falas, o entrevistado P6 traz uma opinião que se intercala com o segundo paradigma, no caso, como a pessoa se identifica, e o terceiro paradigma que aborda os padrões culturais para cada gênero. Já o participante P7 relata: *“O conceito de homem tem a ver com um padrão, um padrão social onde você até certo ponto concorda”*. Assim, se enquadrando com o terceiro paradigma, foi possível perceber que esses dois participantes (P6 e P7) concluem a sua opinião priorizando uma perspectiva social e cultural do que é ser um homem, validando como o indivíduo se porta de acordo com os padrões da sociedade e como se autoidentifica.

Por outro lado, o participante P3 trouxe uma fala mais marcada por características da masculinidade hegemônica já citadas anteriormente. Segundo ele, ser homem envolve: *“Prover e proteger, no sentido que eu entendo, é você cuidar da sua família e prover o que é preciso”*. Também um pouco conivente com essa forma de pensar, o participante P4 destaca que *“tem um pouco a ver com essa questão de cavalheirismo, de poder dar suporte à mulher, ser gentil, respeitoso e empático”*. Corroborando com essa perspectiva, o entrevistado P8 trouxe uma visão também caracterizada pela masculinidade hegemônica:

Acho que o trabalho, né? Um homem que trabalha, que cuida da família, que tem uma profissão, que estuda, que sabe cuidar dos filhos, que tem um comportamento adequado na sociedade e que saiba valorizar a mulher no quesito feminino, saber diferenciar que a mulher tem as questões femininas e o homem tem as questões masculinas.

Essa fala, apesar de ser característica desse estilo de masculinidade por valorizar a diferença entre os gêneros, também traz responsabilidades socialmente atribuídas a

mulheres, como cuidar da família e dos filhos. Assim, é importante destacar a dificuldade

dos entrevistados em definir o que é ser homem, em sua maioria ficando alguns segundos em silêncio e pensando antes de determinar uma respostas. Em especial, o participante P5, que trouxe uma fala inicialmente com uma perspectiva de que seria uma questão fácil, porém, ao refletir durante sua resposta, sentiu dificuldade em estabelecer um critério do que é *ser homem*. Assim, ele relata:

Isso não é complicado, é fácil, geneticamente ou fisiologicamente, o sexo masculino é definido biologicamente como uma pessoa é, apesar que hoje tem muita essa parte de transição de gênero, isso daí fica complicado de entender o que é um homem, se existe essa transição de gênero, acaba pensando assim que a pessoa pode se transformar em um homem [...], é muito complicado, até que eu pensei que ia ser fácil, mas a atitude também não é, não significa que seja um homem só por atitude, a sociedade tem esse negócio do homem, é aquele negócio que não pode, a pessoa tem que ser forte, não pode ter medo, não pode ter receio, tem que estar sempre convicta ou certa daquilo, isso é a sociedade.

Assim, como pode ser observado no relato anterior, o participante acabou deixando a resposta de forma inconclusiva, sem conseguir definir de maneira mais clara a sua opinião.

Ao falarmos sobre sexo, estamos nos referindo às características biológicas inatas de um ser humano. Já quando nos referimos a gênero, estamos falando de características culturais que distinguem homens e mulheres, ou seja, comportamentos socialmente impostos com atributos específicos para cada sexo (PISCITELLI, 2009). A partir da ascensão do movimento feminista, no século XX, foi trazido um novo olhar para como os papéis de gênero eram impostos socialmente, entendendo que, papéis de gênero são socialmente construídos por meio da cultura em que a sociedade está inserida.

Essa tentativa de definição da sexualidade humana já é pautada desde antes do século XVIII, em que era determinado o *Modelo do sexo único*. Esse modelo compreendia o sexo feminino como uma forma defeituosa e incompleta do sexo masculino. A partir do século XIX, foi difundido o modelo do Dimorfismo Radical, que compreendia o sexo feminino apenas como diferente do sexo masculino, mas ainda considerando as mulheres incapazes de realizar tarefas socialmente destinadas aos homens, geralmente com maior prestígio social. Em meados do século XX surge o

modelo da diversidade sexual, em que é compreendida a possibilidade da diversidade de identidade de gênero e orientação sexual (GASPODINI e JESUS, 2020).

3.2 A INFLUÊNCIA DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NA VIDA DO HOMEM

A expressão *homem não chora* é um exemplo de uma ideia comumente difundida em nossa sociedade, ao ponto de ser considerada popular. Por conseguinte, essa ideia reflete na construção da masculinidade hegemônica, passando a conotação de que a demonstração de emoções ou fragilidades seja algo ridicularizado. Consequentemente, essa crença traz efeitos psicológicos que podem refletir não apenas na vida do homem, mas também entre as demais pessoas que convivem ao seu redor (FERREIRA, 2022).

Essa repressão emocional foi relatada pelos entrevistados ao responderem a pergunta: na sua perspectiva, quais as vantagens e desvantagens de ser um homem? O participante P1 relatou o seguinte:

A vantagem é que a sociedade com certeza beneficia mais quem é homem do que quem é mulher; mas ao mesmo tempo ela prejudica em relação a questões emocionais. Por exemplo, eu mesmo desde criança, como eu não morei com pai, foi só com a mãe, você é o homem da casa, você não pode chorar, você não pode ficar triste, você não pode demonstrar fraquezas, não pode demonstrar nada.

Já o P2, ao ser questionado sobre sentir dificuldades em demonstrar emoções e chorar em público, respondeu: *“Hoje em dia, eu sinto que sim. Inclusive, eu sou uma pessoa que eu choro muito pouco, mas eu até tive problemas com isso recentemente, assim, com o assunto de eu levar para terapia e tudo mais, que era porque eu não estava conseguindo chorar”*. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, o participante P4 relatou que: *“o próprio quesito de chorar era no banho ou de noite, quando eu ia dormir. Não chorava na frente dos outros, assim”*. Além do fato de chorar escondido, o participante também relata sobre a repressão emocional que sentia:

Mas essa questão de repressão, o que teve na vida, foi bastante coisa, assim. Porque tem muita questão do sentimento. Para mim foi algo que pegou bastante, assim, de não expor os próprios sentimentos, as próprias emoções. Não tive muita abertura na minha família quanto a isso. Então, as ajudas foram sempre externas e nem sabia se era o caminho adequado ou não. Então, você não sabia se podia se abrir, se não podia, se era certo, se era errado. Aí você fica com aquela apreensão sufocante. E eu acho que essa é a parte mais difícil, assim.

A masculinidade hegemônica é associada a características negativas do comportamento masculino, como a repressão emocional, a independência, agressividade, características que prejudicam o convívio social e a saúde do indivíduo (SANTOS *et.al.*, 2021). O participante P7 também traz sua perspectiva sobre esse modelo de masculinidade, relatando que muitas vezes os comportamentos pré determinados aos homens, correspondem a um padrão dos quais muitos deles não concordam, mas agem de tal forma para não serem punidos socialmente:

[...] conviver com um padrão que muitas vezes você não concorda. E com isso eu quero dizer coisas como você ser punido por não concordar com esse padrão. Eu estou falando em questão de apoiar minorias, eu estou falando em questão de ajudar quem precisa e falar isso e erguer essa bandeira. o que muitas vezes é visto como uma masculinidade hegemônica. E acho que o principal é isso, ter que conviver com padrões que muitas vezes você não concorda.

O entrevistado P8, relata sua experiência ao adentrar no campo da saúde, área na qual desde seu início é vinculada a características femininas, dessa forma muitos homens que se identificam com alguma profissão da área, ao ingressar, seja na faculdade ou no mercado de trabalho, acabam por sofrerem com estereótipos. Assim, esse participante conta sua experiência ao não seguir um desses padrões sociais se matriculando no curso de Psicologia:

Olhando para o ambiente da psicologia, eu acho que o homem, quando vai se inserir dentro da psicologia, na área da saúde, pensa, um pouco antes de entrar. No meu caso, eu pensei, a psicologia é uma área que tem mais mulheres, então, eu vou entrar lá, eu vou ser taxado pelos meus colegas, pela minha família, talvez [...]. Então, já tem aquele estereótipo, que todo homem que faz enfermagem, é gay, é bissexual, enfim, isso se torna uma desvantagem.

Na construção da sociedade brasileira, algumas profissões ligadas ao cuidado foram vinculadas a um modelo de profissão “feminina”, podendo citar exemplos como: enfermagem, serviços sociais e a psicologia, sendo associadas a práticas exclusivas das mulheres. Também pode ser citado outro exemplo, o campo da educação, em virtude de ter sido a porta de entrada das mulheres para o mundo do trabalho formal. A psicologia tem sido associada a uma profissão feminina desde o seu início, ideia reforçada por um percentual de representatividade majoritariamente feminina (FIGUEIRÊDO e CRUZ, 2017).

Também foi possível entender como o convívio com esse padrão e o contato com suas consequências podem moldar um comportamento inverso no homem, conforme foi relatado pelo P8 ao ser perguntado se já sentiu a necessidade de ser agressivo. Nas palavras do entrevistado:

Na minha infância, o meu pai era agressivo. Ele bebia, se alterava, se já não chegava em casa alterado. Ele agredia a minha mãe, agredia a mim, a minha irmã. E eu cresci nesse meio, nesse comportamento. Então, foi muito difícil. Era bem turbulento, por falar assim. Chegava final de semana, a gente já ficava aflito, tenso, porque isso poderia acontecer e na maioria das vezes acontecia. E eu acho que de tanto ver esse comportamento dele, na família, que gerou muito estresse, muita aflição, muito medo, muita ansiedade, eu nunca repeti esse comportamento dele, de agredir. Foi tanto sofrimento que eu vi, que eu falei, cara, eu não quero ser igual a ele. Eu não vou fazer igual, porque eu não quero causar esse sofrimento para ninguém. Então, eu acho que eu nunca vi a necessidade de fazer, agredir alguém para se sentir superior. No meu ponto de vista, eu nunca fiz. Por mais que eu tenha crescido nesse ambiente, eu nunca desejei fazer isso e nunca fiz isso.

A partir do relato do participante é possível identificar a seleção por consequências, a qual se caracteriza por ser um modelo causal que pode ser observado em seres vivos. As consequências são fatores importantes utilizados para explicar a manutenção de comportamentos de um indivíduo, ou seja, o motivo de um comportamento se perpetuar ou não (SKINNER, 1981). Nesse caso, entende-se que as consequências geradas pelo comportamento do pai de P8 tiveram um papel aversivo em sua vida, ao ponto de mesmo o entrevistado tendo vivido em um contexto cultural que reforça comportamentos de agressividade na figura masculina, ele não perpetua esses comportamentos.

3.3 O PAPEL DAS CONSEQUÊNCIAS NO COMPORTAMENTO DOS HOMENS

Se mostra importante retomar a breve síntese do que é a teoria de seleção por consequências apresentada por Skinner (1953). Essa concepção aborda como os comportamentos voltam a se repetir ou não a depender da sua consequência. Se ela for reforçadora, aumenta as chances de voltar a acontecer, e se for punitiva, diminui as chances. Outro fenômeno decorrente de consequências é a extinção, que acontece quando um comportamento que antes era reforçado não produz mais a consequência reforçadora, diminuindo a probabilidade de ocorrer novamente (SKINNER, 1953).

A seleção de comportamentos adequados pelo gênero parte da premissa de que o homem deve agir de determinada maneira, pois é sua conduta que irá defini-lo como homem ou não. A fim de ilustrar tal questão, pode-se trazer as cores de roupas, brinquedos, e até mesmo desenhos animados que o gênero masculino assiste. Essas contingências de reforço ou punição possuem base no convívio familiar, mas se alastram e se sustentam nos demais campos da vida de um indivíduo, como as escolas, ou grupos sociais que venha pertencer futuramente (SILVA, 2022). Com o intuito de ilustrar esse comportamento de reforço ou punição sendo reforçado, pode-se apontar duas situações. Primeiramente, exemplificado o reforço, destaca-se um menino que é presenteado com carrinhos ou incentivado a ser bom no futebol, atividades relacionadas socialmente com meninos. Passando ao segundo caso, ao representar a punição, o cenário que vem à tona é de um menino sendo punido verbalmente pelos pais por estar brincando de boneca, atividade relacionada a meninas, assim moldando esses comportamentos.

Uma das falas dos entrevistados que exemplifica bem a vivência da seleção de comportamento pelos padrões de gênero foi do participante P1, que deu sua opinião sobre já ter sentido ou não pressão social para agir de determinada maneira:

[...] acho que sempre estão tentando modular como você tem que se sentir, como você tem que se comportar o tempo todo. Então desde criança até agora, você tem que se comportar dessa forma, você tem que fazer assim, você tem que fazer desse jeito. Amigos falando, se você não for para o seu lugar, você é gay, se você não fizer tal coisa é viado, falando da brincadeira, mas ainda assim é uma forma de modular o comportamento.

Na perspectiva da Análise do Comportamento, interpreta-se o preconceito sexual e de gênero como um conjunto de comportamentos (operantes e respondentes) que são resultados de contingências sociais e práticas culturais. Ser chamado de *bicha*, *mulherzinha*, ou termos que remetam à homossexualidade, se configura como uma punição no contexto cultural na medida em que se aproxima de características femininas, as quais são vistas como algo negativo, historicamente relacionadas a um gênero considerado inferior, associado à fraqueza. Dessa forma, tais comportamentos que se afastam de um padrão de masculinidade reforçado socialmente (MIZAEL, 2018).

Também podemos observar a importância dos valores morais que podem ser estabelecidos por meio de costumes, hábitos, valores e regras, de acordo com cada cultura ou sociedade, ou seja, a forma como um grupo social se comporta. Dessa forma,

as pessoas apresentam diferentes formas de comportamento moral, isso a depender do contexto de vida no qual ela está inserida (CARVALHO, 2016). Analisando sob essa perspectiva, podemos entender as consequências punitivas que alguns grupos podem sofrer por não seguirem os comportamentos esperados dentro da masculinidade hegemônica, tendo suas ações decorrentes da sua visão de mundo. Um relato que expõem na prática essa teoria pode ser observada nas palavras do P2:

Cara, principalmente durante a minha adolescência, eu me via muitas vezes contendo sentimentos meus (...) E eu já me vi, também, considerando que eu deveria ser mais agressivo em determinadas situações, porque eu não estava expressando na minha adolescência a minha masculinidade de verdade.

Ainda relacionando o medo de consequências punitivas ao emitir comportamentos inconsistentes com os esperados, o entrevistado P7 descreveu como ele percebe a necessidade de ser forte e por vezes impor sua força aos outros, dizendo:

Ao não emitir algum desses comportamentos, acho que a força, você forçar a sua vontade no outro é uma coisa que foi muito estimulada na minha infância. Hoje não mais, com certeza. Mas com isso, essa questão do ser forte e ser imponente era uma questão que eu tentava ao máximo fazer acontecer. Eu tinha que ser imponente. Só que eu simplesmente não era. Eu acabei tentando trazer algo que eu não sou. E, conseqüentemente, eu recebi punições, como a questão do bullying, a questão do ser visto como uma piada.

Ao trazer esse relato, o participante destaca que, durante sua infância e adolescência, ele foi reforçado negativamente, ou seja, reproduziu um comportamento, mesmo não concordando, para que não houvesse a presença de um estímulo aversivo, evitando assim ser punido por apresentar algo que seria considerado como fraqueza, comportamento que socialmente não seria esperado pelo padrão da masculinidade hegemônica, na cultura que ele está inserido. De acordo com a autora Bento (2015), a masculinidade hegemônica é provada na relação de competitividade e busca por sucesso, acrescentando:

A masculinidade hegemônica está enraizada na esfera da produção, na arena política, nas práticas esportivas, no mercado de trabalho. E, em todas estas esferas, o discurso impulsionador das práticas dos homens tem como fundamento a competição, a busca insaciável pelo sucesso, pelo poder. E é neste ponto que a masculinidade deve ser provada, e, tão logo isso ocorre, é questionada, tornando necessário que seja novamente provada: sua construção é constante, implacável e inatingível (BENTO, 2015, p. 88).

Quando se fala nesse padrão, não é somente a imposição e a força que são característicos, mas também a repressão da representação de sentimentos, especialmente tristeza e medo, sentimentos bem opostos desse ideal inatingível de sucesso. Os autores Pimenta e Natividade (2012, p. 612) ressaltam essa ideia, afirmando que: “*para que tal projeto de masculinidade seja materializado, algumas condutas serão imprescindíveis: não chorar; não se mostrar fraco, com medo ou inseguro, ou seja, não demonstrar emoções*”. Uma fala que exemplifica bem essa teoria, é a resposta do participante P7, a qual retrata a necessidade ou não de reprimir sentimentos:

Eu por muito tempo acreditei que eu deveria reprimir a minha tristeza e o meu medo, com aquela frase famosa de ‘homem não sente medo e similares’. E o principal, reprimir; muitas vezes somos ensinados a reprimir as minorias que não tem nada a ver com você. Ou seja, você vive diante de uma maioria e essa minoria, para você ser homem, você tem que reprimi-la, muitas vezes.

O entrevistado traz sua percepção sobre a materialização dos comportamentos por meio de ações as quais não gostaria de realizar. Por mais que muitas vezes o homem tenha noção ética de suas atitudes, a pressão social continua sendo um reforço maior para seus comportamentos. Nesse contexto, surge o processo de reforço para a emissão de comportamentos considerados preconceituosos, caracterizando-se por uma forma de discriminação, tendo suas raízes no prejulgamento a respeito de certos grupos de pessoas.

Esses comportamentos ditos *preconceituosos*, geralmente originam-se de aspectos como religião, raça, cor da pele, orientação sexual, entre outras possibilidades, sendo as pessoas pertencentes a certos grupos consideradas minorias, as quais acabam sofrendo com esses processos de discriminação (FILHO, 2022).

3.4 OS EFEITOS DA PERPETUAÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NA SOCIEDADE

A perpetuação dos comportamentos ligados à masculinidade hegemônica manifesta graves resultados na sociedade, inclusive para a saúde e bem estar dos próprios homens. Segundo uma notícia publicada pelo site O Globo (2024), no Brasil, os homens morrem mais do que as mulheres em todas as faixas etárias. Entre a faixa de 15 a 34 anos, esses números são ainda mais acentuados e estão relacionados, em sua maioria, às chamadas *causas externas*, a saber, acidentes de trânsito, homicídios,

suicídios, entre outras situações ligadas à violência. Esses dados refletem a influências dos padrões culturais da masculinidade hegemônica no comportamento masculino.

Da mesma forma, é possível observar a criação de movimentos que estão trazendo popularidade nos dias atuais, como o movimento *RedPill* (*Pílula vermelha*). Esse termo surge do filme *Matrix*, no qual o protagonista vive em uma ilusão, até receber a oportunidade de tomar duas pílulas, a azul, que o manteria vivendo nessa ilusão, ou a pílula vermelha, que revelaria a ele o mundo em sua real forma. Assim, no contexto do movimento *RedPill*, entende-se que as pessoas que não veem o mundo a partir dos valores propostos pelos seguidores do movimento estão neste mundo ilusório da pílula azul. Esse grupo tende a oprimir homens que seguem padrões de vida menos conservadores, ou seja, que não apresentam o desejo de serem provedores, que respeitam as mulheres e expressam seus sentimentos (MORAIS e CHAVEIRO, 2024).

A seguir, podemos observar a percepção do P1 em relação ao surgimento desses movimentos e suas consequências na sociedade:

Talvez se a gente for para o extremo, até casos de red pill, homens machistas, mas quando reprimem outros homens, eu acho que frustração pode acontecer, pode acontecer, sei lá, a pessoa não se encaixar em ambientes, nessas coisas.

Os indivíduos pertencentes a esse grupo acreditam que ao tomar a *Redpill*, abrem seus olhos para a realidade escondida pela sociedade, a qual supostamente seria “matriarcal” e feminista. No livro *Pílulas de Realidade* (SCHUTZ, 2022) são apontados trechos que descrevem 5 ideias centrais que caracterizam o pensamento do movimento, sendo eles: 1) a sociedade é ginocêntrica, entendendo a mulher como privilegiada na sociedade; 2) homens que se mostraram vulneráveis ou *inferiores*, entendidos como aqueles que demonstram fraqueza, são descartados e abandonados pelas mulheres; 3) as mulheres são hipergâmicas, ou seja, sentem atração apenas por homens com nível socioeconômico maior; 4) o valor da mulher na sociedade depende da sua capacidade de atrair/satisfazer os homens, assim dependendo de um homem para ter valor como pessoa; e 5) o feminismo corrompeu as mulheres, fazendo com que elas não se respeitem e odeiem os homens (MORAIS e CHAVEIRO, 2024).

Nesse sentido, percebe-se que o movimento se volta muito mais para o ataque do que foi conquistado pelas mulheres e sua repressão, do que com uma preocupação legítima em torno da saúde física e mental dos homens. Dessa forma, os valores

conservadores desse tipo de grupo vão contra o avanço de valores democráticos de diversidade e igualdade, atrasando, por exemplo, políticas públicas para o enfrentamento do feminicídio e a violência contra a mulher. Esse discurso é muito forte em ataques cibernéticos e bastante presente no cotidiano, o qual não se restringe apenas nesse quesito, podendo influenciar na prorrogação de relacionamentos abusivos, por meio de manipulação e dominação. Consequentemente, pode-se criar um ambiente desfavorável à identificação de situações de abuso (SANTOS, 2025).

Além disso, esse movimento, por trazer valores muito relacionados com o patriarcado, é prejudicial também para os homens. Essa conduta, atrapalha, por exemplo, o incentivo aos homens em buscar pelos cuidados com a saúde, por acreditar que essa postura seria compatível com comportamentos ditos femininos. Também pode ser trazida à luz a dificuldade do homem, que apesar de compactuar com essas ideias, em demonstrar vulnerabilidade e procurar ajuda para transtornos psicológicos (SOUSA, 2022).

A masculinidade hegemônica colabora para a formação de comportamentos de risco, ou seja, aqueles realizados por indivíduos com certa frequência e intensidade, a ponto de poder gerar riscos, tais como: doenças, acidentes ou prejuízos para a saúde física ou mental. Muitas vezes os homens são levados a terem comportamentos incompatíveis com o cuidado em relação à saúde, os quais podem vir a gerar respostas, como sentimentos de poder ou virilidade, graças aos padrões de masculinidades impostos socialmente. Por conseguinte, pode haver uma baixa ocorrência de comportamentos relacionados ao cuidado com a saúde, a exemplo da observação de possíveis mudanças no corpo, sensações somáticas, busca por ajuda e serviços médicos, além de inserção em atividades que promovam saúde. Comportamentos incompatíveis ao cuidado acontecem como forma de fuga ou esquivas, evitando as consequências sociais aversivas relacionadas ao estereótipo do feminino (SOUSA, 2022).

A limitação de expressões e a solidão sentimental são contadas pelos participantes como decorrentes dessa rigidez. A masculinidade hegemônica age como limitante do desenvolvimento de expressão emocional masculina, resultando assim em homens com emoções reprimidas para manterem um padrão imposto socialmente. Podemos observar essa questão no relato do P2:

Bom, tem o que eu falei antes, altas taxas de suicídio e tal, mas claro que a gente pode falar de um impacto mais direto. Eu acho que você acaba impondo um tipo de solidão sentimental para o homem [...] E vai se ver

também se colocando em lugares em que eles não queriam estar porque eles acham que é o papel deles como homens. E da mesma forma não indo atrás de coisas que eles têm interesse, porque eles acham que é coisa de mulher. Limitações, eu acho que é um bom jeito de expressar.

A rigidez, imposta por esse modelo de masculinidade, também se estende a gestos simples, levando o homem a renunciar comportamentos confortáveis para si próprio por medo de julgamento. Dessa forma, podemos observar o quão penetrante a permeação de comportamentos pode ser, ao ponto de homens abdicarem do conforto, ou de ações de seu próprio agrado, em virtude de possíveis consequências sociais. Assim como exemplifica o P8:

Então, no meu caso, por exemplo, eu deixaria de sentar com as pernas cruzadas, que é um modo confortável, que eu gosto de sentar, porque algumas pessoas podem me julgar. Então, deixaria de ser quem é e de exercer determinados comportamentos por questão de julgamento da sociedade.

Surge também a dificuldade em relação ao autocuidado e o impacto na saúde mental como sendo um dos efeitos citados. Esses comportamentos são constantemente associados a características femininas, distanciando ainda mais os homens de hábitos saudáveis e benéficos ao bem estar. O estereótipo de ser forte e rígido, imposto socialmente, muitas vezes impede o homem de buscar por ajuda especializada. Sobre essa questão, o mesmo participante diz:

[...] o homem, ele deixa de procurar ajuda profissional, ajuda do profissional de saúde mental, por essa questão que, a sociedade impõe que o homem tem que ser rígido, tem que ser forte, que não pode sofrer e tal. Então, uma consequência disso é que o homem não procura ajuda e muitas vezes acaba entrando na depressão, no estado de ansiedade, até cometendo o próprio suicídio.

Vale ressaltar que, essas características da masculinidade hegemônica e as altas taxas de suicídios que também foram citadas pelo P2 no início do tópico estão relacionadas.

Conclui-se, assim, que as consequências sociais da masculinidade hegemônica abrangem diversos aspectos danosos à vida de diferentes grupos, os quais não se identificam com seus ideais. Logo, tais consequências podem gerar conflitos, falta de zelo com a própria saúde física e mental, além de distanciamento social, gerando desigualdades, inclusive com os próprios homens.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve por objetivo compreender como a masculinidade hegemônica é mantida e reproduzida a partir de contingências sociais que reforçam comportamentos característicos desse modelo de masculinidade entre os homens. Pelo viés da Análise do Comportamento, foi possível observar a influência do ambiente na manutenção dessas práticas, reforçando respostas associadas à força, controle emocional e autossuficiência. Todavia, no tocante a comportamentos como demonstração de vulnerabilidade, autocuidado e expressão emocional são punidos.

Os resultados obtidos apontam que tais contingências não apenas modelam os comportamentos individuais, mas também produzem efeitos amplos em nossa sociedade, a saber, o aumento de violência, dificuldade de estabelecer vínculos saudáveis e redução na procura de ajuda especializada, como profissionais da saúde. Percebe-se, dessa forma, um paradoxo, em que os homens são levados a manter práticas que comprometem o seu bem estar físico, emocional e social.

Vale ressaltar que o presente estudo foi limitado pela amostra reduzida do *corpus*, visto que se restringiu a participação apenas de homens oriundos de um único curso de graduação e apenas uma universidade, o que ocasionou a limitação dos resultados. Partindo desse pressuposto, recomenda-se que pesquisas futuras ampliem a população da pesquisa, incluindo homens de diferentes contextos sociais, regiões e grupos, até mesmo homens transgêneros, de modo a ter uma maior compreensão sobre as contingências culturais que impactam as expressões da masculinidade.

Para finalizar, é importante ressaltar a importância da promoção de práticas culturais e políticas que abordem as demandas vinculadas à construção e a forma que a masculinidade se manifesta, sobretudo no que se refere à saúde mental, prevenção de violências, e incentivo à expressão de repertórios emocionais. Diferentemente de alguns grupos extremistas que buscam reagir aos avanços dos direitos das mulheres, ou reafirmam os modelos de hierarquia sobre os homens, faz-se importante compreender os fatores que vem adoecendo e matando esses homens em nossa sociedade. Dessa forma, clama-se pela criação de políticas públicas urgentes voltadas à escuta, cuidado e reeducação emocional para esse público, visando a construção de uma masculinidade mais saudável e compatível com o bem estar individual, assim como do coletivo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A.; KIBUUKA, B. **Gênero e Sexualidade: na Antiguidade e na História do Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial. ISBN 978-65-00-93510-3, 2024.
- BENTO, B. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Editora da UFRN, 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Boletim epidemiológico: panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021**. v. 55, n. 4, 6 fev. 2024.
- BEAUVOIR, S. O segundo sexo. (Eleonora Castelli, trad.). Rio de Janeiro: **Bertrand Editora**. vol.II, 1997. (Original publicado em 1949).
- CAMPOS, L. F. L. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2004.
- CARVALHO, L. M. de. **Desenvolvimento moral na análise do comportamento: uma revisão bibliográfica**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- COCHRAN, S. V. Emergence and development of the psychology of men and masculinity. In: CHRISLER, J. C.; McCREARY, D. R. (Eds.). **Handbook of gender research in Psychology**. Nova Iorque: Springer, 2010. p. 43–58.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241–282, jan./abr. 2013.
- FAGUNDES, T. C. P. C. Masculinidades saudáveis x masculinidades tóxicas. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 34, e1076, p. 1–9, 2023.
- FERREIRA, E. D. **Homem não chora: a cultura de silêncio emocional e a saúde mental masculina**. 2022. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) Anhanguera, Salvador, 2022.
- FIGUEIRÊDO, R. B.; CRUZ, F. M. L. Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 803-828, 2017.
- FILHO, A. F. R. Privilégio heteronormativo: uma reflexão a partir de vidas LGBTQIAPN+. **Diversitas Journal**, v. 8, n. 3, p. 2510-2525, 2023.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Feminicídios em 2023**. São Paulo: FBSP, 2024.
- GASPODINI, Í. B; JESUS, J. G. de. Heterocentrismo e ciscentrismo: crenças de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero. **Revista Universo Psi**, v. 1, n. 2, 2020.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MATOS, M. A. Análise funcional do comportamento: considerações conceituais e aplicadas. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 16, n. 3, p. 8–18, set./dez. 1999.
- MIZAEL, T. M. Perspectivas Analítico-Comportamentais sobre a homossexualidade: análise da produção científica. **Perspectivas Em Análise Do Comportamento**, 2018.
- MORAIS, M. F de; CHAVEIRO, M. M. R. de S. Masculinidades hegemônicas e violência contra mulheres nas mídias: críticas ao movimento RedPill. **Humanidades & Inovação**, v. 11, n. 3, 02 dez. 2024.
- MOREIRA, M. B; MEDEIROS, C. A. de. **Princípios básicos de análise do comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- O GLOBO. 2024. **Censo**: homens morrem mais do que as mulheres no Brasil em todas as faixas etárias. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/10/25/censo-homens-morrem-mais-do-que-as-mulheres-no-brasil-em-todas-as-faixas-etarias.ghtml>. Acesso em: 5 out. 2025.
- PIMENTA, S. M. de O; NATIVIDADE, C. Humano, demasiadamente humano: sobre emoções e masculinidade. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 28, p. 605–637, 2012.
- PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.
- SANTOS, D. F *et al.* Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala. **Saúde & Sociedade**, São Paulo, 2021.
- SANTOS, P. H. S. dos. Red pill e a violência contra as mulheres. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 6, p. e8381, 2025.
- SCHUTZ, T. **Pílulas de Realidade**: Autoconhecimento, Propósito, Dinheiro & Mulheres. 2. ed. Salto (SP): Expansão Masculina, 2022. ISBN 978-65-99663-01-7.
- SILVA, J. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 123–135, 2019.
- SKINNER, B. F. **Science and human behavior**. New York: Macmillan, 1953.
- SKINNER, B. F. **Selection by consequences**. Science, 1981.
- SOUSA, A. da S. Masculinidade hegemônica: contingências relacionadas ao déficit de autocuidado à saúde em homens. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 13, n. 2, p. 207–218, dez. 2022.
- SOUZA, C. V. B. S. *et al.* Concepções de masculinidade hegemônica como mediadora do sexismo direcionado às mulheres. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 39, 2023.

